

Me engana que eu gosto

Walter de Mattos Júnior *

Estranha esta nossa vocação para autodestruição. Parece que entramos numa relação sadomasoquista conosco mesmo e com o nosso país, onde destruimos de várias formas tudo o que temos de positivo, tendo até um certo prazer ao encontrar novos defeitos ou vícios.

Criticamos nossas práticas, hábitos e até mesmo tragédias com prazer. Ou como se isto se desse em outras terras e nada pudéssemos fazer além de tomar como tema para conversas animadas.

Bom exemplo disto tem sido o nosso comportamento em relação ao ministro Marcílio e sua política econômica. É certo que a ninguém pode satisfazer o nível de desemprego, a recessão e as crianças sem futuro nas ruas. Há quase que absoluta falta de investimentos sociais e o nosso direito de cidadania por inteiro a ser resgatado. A crise moral e ética é insuportável. Porém, passamos a cobrar isto de uma vez como se fosse fruto das ações ou falta de ações de Marcílio nestes últimos 12 meses. Sabemos todos que essa cobrança tem interesses corporativos ou eleitoreiros.

Vivemos alguns anos como se o Brasil fizesse parte de outro planeta e imune às regras e limites do sistema econômico-real, quando o mundo todo apertava os cintos. Depois, iludimo-nos tentando por 5 vezes ("O Choque", partes I a V) resolver por mágicas em forma de decretos o que não tínhamos coragem ou vontade política de enfrentar. Tudo isso ignorando o crescimento populacional desenfreado. Demoramos a aprender que aumentos de salários reais são movidos a acréscimos de produtividade e não a doses de demagogia que, diluídas em forma de salários nominais mais altos, evaporam-se em inflação crescente.

Com o ministro Marcílio veio a certeza de que os caminhos são outros. Ele acredita mais no mercado que nos decretos ou medidas provisórias e sabe que a fase de ajustamento exige tempo e sacrifícios. Já trilhamos boa parte da estrada que nos leva de volta ao mundo da realidade.

Virou quase consenso que o preço de o governo gastar mais do que arrecada é causa principal do desequilíbrio dos preços e que o imposto inflacionário pesa mais na vida dos pobres que na dos ricos. A economia vai-se abrindo e expondo-se à competição internacional e as empresas vão-se modernizando na marra. O

programa de privatização finalmente decolou. Os preços e o câmbio livram-se dos controles que lhes prestavam artificialidade. A restauração das relações com a comunidade financeira internacional traz de volta a confiança em forma de dólares de brasileiros, sendo repatriados, e de estrangeiros. E a inflação, nosso inimigo principal, vem cedendo de forma contínua, com quase todos os indicadores tendo convergido em abril para uma taxa ao redor de 19%. Exceção é o índice da Fipe, com seu peso maior dos itens vestuário e aluguéis, que, reajustados no período da medição, transformaram-no na ovelha negra do mês.

Isto certamente altera para pior o nível das expectativas, ingrediente fundamental na nossa cruzada pela volta do desenvolvimento econômico e social. É o tal caráter sadomasoquista.

Pergunto-me, talvez com a ingenuidade e esperança do otimista, por que não estamos todos neste momento pressionando pelo que falta e é fundamental para o êxito final: a reforma fiscal e a simplificação tributária; a reforma portuária; maior extensão e velocidade ao programa de privatizações; a criação de um Banco Central independente; a proposta de solução da crise previdenciária, e a obtenção de punições exemplares e rápidas para os culpados nos crimes de corrupção já levantados, como forma de reduzir o déficit público. Tudo isto está nas mãos do Congresso Nacional e do Poder Judiciário e portanto devemos pressioná-los com todas as nossas forças a cumprirem suas responsabilidades com a Nação.

Entretanto, o que temos feito são ações de desestabilização do ministro da Economia. Isto é uma tentativa de nos enganarmos mais uma vez com alguns meses de ilusão, na forma de descontrole orçamentário e monetário e atendendo principalmente aos interesses menores da política, em época pré-eleitoral.

O próximo capítulo seria certamente a aplicação da desgastada terapia, onde teríamos que passar por todas as fases do tratamento. Voltar ao início, só que certamente com doses maiores do remédio e prazos mais longos de cura. É a regra da vida para os que não se tratam no tempo devido.

Será que queremos mesmo ser enganados mais uma vez?